

---

## Armadilhas da xenofobia

Um dos mais graves transtornos sociais da atualidade é a xenofobia. Não mais apenas na extensão do que o termo exprime etimologicamente, como aversão ao estrangeiro ou ao incomum, mas na força que o seu sentido passou a ter em todo o mundo como instrumento de motivação psicológica na luta pelo poder entre pessoas, grupos e nações.

O uso ideológico desse sentimento é o tema do livro *Xenofobia – Medo e Rejeição ao Estrangeiro* (Cortez Editora), do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, da UFRN, lançado semana passada (31/08) em debate no Salão das Ideias da Bienal do Livro de São Paulo, com a participação da historiadora Arlene Clemesha, da USP, e do sociólogo Reginaldo Nasser, da PUC-SP.

O uso da xenofobia para produzir instabilidades e manter domínios é tratado por Dantas como parte das reações agressivas à abertura do mundo e à necessidade de reconhecimento do outro que essa nova realidade exige. As crescentes manifestações de intolerância decorrentes do aumento da mobilidade das populações alimentam, segundo o autor, discursos conservadores e renovam o poder da extrema-direita.

Dos grandes líderes mundiais contemporâneos, eu diria que talvez apenas Nelson Mandela (1918 – 2013) tenha defendido e praticado o combate ao rancor e, por conseguinte, à xenofobia. Infelizmente, a exasperação da desconfiança e do medo tem sido também uma prática dos falsos esquerdistas que buscam o poder explorando a paranoia dos ressentimentos e espalhando ódios.

A pregação da xenofobia, com suas cercas e muros, está voltada aos que se deslocam em situação de precariedade. Em sua exposição na Sala de Ideias, Durval ilustrou essa percepção lembrando, por exemplo, que o estigma a que está submetido o islamismo não compromete a vida dos sheiks árabes, muçulmanos donos de grandes fortunas no Ocidente.

A xenofobia, para o autor, “não é motivada apenas por preconceitos de cunho racial, não é exclusividade de países ocidentais, não ocorre apenas em países ricos...” (p.75). Sua análise passa pelo conceito foucaultiano de biopoder, considerando tanto o controle das populações pela sujeição do corpo quanto pelo fenômeno da insegurança despertada pelo desejo do diferente.

No debate, Reginaldo Mattar lançou mão do clássico *Tuareg*, do escritor espanhol Alberto Vazquez-Figueiroa, para ressaltar o valor da hospitalidade como traço cultural de um mundo considerado ameaçador. A história do beduíno que dá a vida para fazer valer a honra do hospedar é um grande achado em tempos de exacerbação xenofóbica.

Arlene Clemesha falou das contradições do etnocentrismo e fez a leitura de trechos de uma parábola de Attar, poeta persa (iraniano) do século XII, cujo conteúdo simbólico segue tão atual. É um poema que conta da busca por um rei que fosse capaz de bem-governar o país dos pássaros. E muitos voaram na missão de encontrar um certo Simorg, a fim de torná-lo rei.

Depois de cruzarem os vales da busca, do amor, do conhecimento, da autonomia, da união, do espanto e da privação, apenas trinta pássaros conseguiram chegar ao destino. Estavam cansados e depenados, mas o esforço compensou porque foi assim que descobriram que o Simorg era um espelho, e que foi buscando por um rei que eles se encontraram.